

O tempo histórico revolucionário presente nas teses “sobre o conceito de história” de Walter Benjamin¹

The revolutionary historic time in Walter Benjamin's thesis on « Concept of History »

CLEITON LUIZ KERBER²

Resumo: Na história se destacam os grandes acontecimentos da humanidade. Walter Benjamin percebe que esses feitos podem caracterizar, por meio de uma interpretação do historicismo, uma história do progresso que somente olha o lado dos vencedores, daqueles que construíram as suas façanhas sobre a opressão de outras pessoas. Porém, por meio do materialismo histórico o olhar sobre o passado não recai somente em relação aos vencedores, mas também sobre os vencidos, e busca nesse movimento fundamentar a luta do presente contra a opressão. Essa luta realiza-se dentro da história, pois nela apresenta-se como possibilidade para a realização da redenção dos oprimidos. O que se pretende apresentar nesta pesquisa teórica e de cunho bibliográfico é a relação sobre a interpretação da história feita por essa duas correntes distintas, buscando perceber a forma como Benjamin caracteriza o tempo histórico. O historicismo é apresentado como uma forma de interpretação passiva, que não busca criar um movimento contra o progresso da história. O materialismo histórico cria uma condição que apresenta o momento presente como possibilidade para a realização da luta de classes. A obra na qual é abordada por Benjamin esses elementos, e é analisada neste trabalho, são as teses "Sobre o conceito de história". Considera-se principalmente as teses em que são tratados os temas do tempo, do materialismo histórico, do historicismo, da redenção e da revolução. Aborda-se a compreensão de revolução através do tempo histórico, e como Benjamin utiliza-se do conceito de messianismo para caracterizar e fundamentar a ação contra a opressão e a busca por redenção daqueles que foram oprimidos no passado. Busca-se analisar ainda, os conceitos que Benjamin utiliza da filosofia de Marx e do marxismo, principalmente os elementos teóricos relacionados ao materialismo histórico, para assim determinar o tempo histórico revolucionário como messiânico, e caracterizar a sua realização como sendo o da sociedade sem classes.

PALAVRAS-CHAVE: Materialismo histórico. Historicismo. Revolução.

Abstract: Throughout history, the big events of humanity stand out. Walter Benjamin realizes that these moments can characterize, through a historicism interpretation, a history of progress that reflects only the winners' side of the story, of the ones who build their greatest achievements upon the oppression of other people. However, the historic materialism provides us with a new perspective of the past that focus not only on the winners, but also on point of view the defeated, trying to substantiate the present's fight against the oppression. This battle happens inside the history because in it there's the possibility of redemption for the oppressed ones. This bibliographical and theoretical research aims at presenting the relation on the history interpretation between the two different perspectives mentioned, understanding the way Benjamin characterizes the historical time. The historicism is presented as a means of passive interpretation that does not intend to create a movement against the progress of history. The historic materialism

¹ Trabalho orientado sobre a supervisão do Prof. Dr. Jadir Antunes, Unioeste - Campus Toledo/PR.

² Graduado em Teologia pela Universidade La Salle, de Canoas/RS. Estudante do curso de Bacharel em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, Campus São Leopoldo/RS. E-mail: cleiton.kerber@lasalle.org.br

allows a condition in which the present moment is seen as a possibility for the class struggle. The works in which Benjamin approaches these elements and that are also object of this paper are the thesis on “The concept of history”. For this research, thesis on time, historic materialism, historicism, redemption and revolution are the ones analyzed. The comprehension of revolution through historical time and the way Benjamin uses the concept of messianism in order to characterize substantiate and the action against to oppression and the search for redemption for those oppressed in the past. This project also aims at analyzing the concepts Benjamin brings from Marx’s philosophy and Marxism, particularly the theoretical elements related to historical materialism, so that revolutionary historic time can be determined as messianic and, therefore, characterize its materialization as of a society without classes.

Keywords: Historic materialism. Historicism. Revolution.

Introdução

Em 1940, Walter Benjamin escreve as teses “Sobre o conceito de história”. A obra foi produzida em um momento de extrema tensão política e social europeia, pois a Segunda Guerra Mundial encaminhava-se para o seu fim, e Benjamin encontrava-se refugiado na Fronteira da França com a Espanha, local em que cometeu suicídio em setembro de 1940. Nas teses é enaltecido um olhar crítico sobre a história e a forma de analisa-la, além de buscar perceber todo o emaranhado de elementos que caracterizam o sujeito que a descreve ou que a constrói.

O presente trabalho busca analisar a teoria de Benjamin sobre a história em algumas das teses, principalmente as que possuem um diálogo mais profundo entre os elementos do tempo, do materialismo histórico, da redenção e do ideal revolucionário. Todos os elementos elencados possuem uma forte relação com a ideia de passado e presente. Benjamin busca apresentar a forma como essas questões se relacionam, para não cairmos em uma forma de história homogênea e vazia. Para tanto, busca-se por meio da compreensão marxista benjaminiana entender como podemos analisar, interpretar e agir sobre as questões da história.

Inicialmente, analisa-se nas teses a ideia de passado e como ele se relaciona com o presente, e quais as suas marcas sociais que essa relação possui. Após, busca-se perceber as formas de interpretação da história e a as suas concepções, em especial do historicismo e do materialismo histórico. Em seguida, lança-se um olhar sobre a questão da revolução e como ela se apresenta em meio a história, buscando entender a concepção de tempo caracterizado por Walter Benjamin como messiânica, e sua relação com a teoria marxista da sociedade sem classes.

As vítimas do passado e o presente como possibilidade

Na Tese II de “Sobre o conceito de história”, Walter Benjamin lança um forte olhar sobre o passado. A primeira questão que levanta possui um cunho mais

particular, onde busca perceber a existência do indivíduo e a sua felicidade marcada pelo tempo:

[...] nossa imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. A felicidade está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissoluvelmente ligada à salvação” (BENJAMIN, 1994, tese II).

O sentido do tempo trabalhado na tese segunda remete ao passado e o presente. A felicidade pessoal do indivíduo está totalmente ligada aquilo que ele já viveu e experienciou. Porém, mais do que ressaltar as experiências vividas, Benjamin procura um foco maior naquilo que poderíamos ter vivido, naquilo que não experienciamos, mas que poderia ter sido uma possibilidade em nossas vidas. Neste sentido, o presente é carregado de possibilidade para a nossa felicidade, desde que possa redimir o que não vivemos no passado, ou que não nos foi, por algum motivo particular, possibilitado.

Nesse exemplo, apresentado por Benjamin, de cunho mais particular sobre a história, introduz-se para um segundo momento da Tese II, onde o andar histórico segue o mesmo padrão, mas agora não de forma individual, mas sim no âmbito coletivo. Isso ocorre devido ao fato do passado possuir um papel significativo nesse movimento, pois a história independente da corrente teórica que usa para interpretá-la, utiliza-se do passado como algo seu, como nos afirma Benjamin: “O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua” (1994, tese II). A partir dessa afirmação, a teoria Benjaminiana da história, passa de um olhar individual para um olhar coletivo, mantendo sempre a ideia da possibilidade dado ao presente pelo passado.

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, fomos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialismo histórico sabe disso (BENJAMIN, 1994, tese II).

A partir do trecho citado, o olhar de Benjamin deixa de ser sobre a questão de uma história individual, e passa agora para o âmbito do coletivo. A primeira questão levantada é a força misteriosa que o passado possui devido a opressão sofrida pelas classes oprimidas, que ao longo da história, foram emudecidas. A tese II traz como reflexão principal uma lembrança histórica das vítimas do passado, e concebe a

elas a possibilidade da redenção pelo momento histórico presente. Para isso acontecer, não é suficiente uma análise histórica ou uma lembrança dos fatos, é preciso acima de tudo uma ação histórica no tempo presente, para então, redimir as vítimas do passado. Ao analisar a obra de Benjamin, Michael Löwy nos aponta que “[...] é preciso, para que a redenção aconteça, a reparação [...] do sofrimento, da desolação das gerações vencidas, e a realização dos objetivos pelos quais lutaram e não conseguiram alcançar” (2005, p. 51).

O passado lança um apelo ao presente para redimi-lo. A ligação existente entre passado e presente, ou melhor, entre as gerações passadas e a nossa é a redenção. As vítimas do passado, as lutas realizadas por elas, a indignação marcada pela opressão dos poderosos chegam a nós de forma misteriosa. Esse mistério presente na redenção atribui a nós responsabilidade sobre o momento de agora. Pois, somos responsáveis por emancipar aqueles que clamam a nós. Com essas características, a redenção possui um duplo caráter: um teológico e outro secular.

O caráter secular está relacionado a ação clara de emancipação das vítimas oprimidas do passado, mas possui um poder, que Walter Benjamin denominara como força messiânica, que chega a nós pelo clamor dos que foram oprimidos. Percebe-se aqui, que mesmo a característica secular possui um elemento teológico em sua estrutura. Porém, o caráter teológico da redenção das vítimas do passado, não possui um fim em si mesmo, de contemplação das verdades eternas ou de reflexão da natureza divina, como caracteriza-se a teologia tradicional. Ela visa auxiliar, através da força messiânica dada pelo clamor das vítimas do passado, na luta da classe oprimida, para assim redimir as gerações passadas e libertar a geração presente. “A teologia, aqui, possui uma função precisa e fundamentalmente ativa, essencialmente política e ética. Ela está a serviço do materialismo dialético, isto é, ao serviço da luta dos oprimidos. Princípio de intensificação, ela deve servir a força explosiva do materialismo histórico” (CANTINHO, 2017, p. 119).

A proposta de Walter Benjamin na tese II, “Sobre o conceito da história”, é mostrar que tanto o viés teológico, marcado pela suplica de redenção das vítimas do passado, e a sua ideia de secularidade, caracterizada pela luta dos oprimidos, nos dão uma força messiânica, que não encontra-se presente no materialismo histórico e menos ainda no historicismo, para movermo-nos contra a opressão das classes dominantes. “A redenção messiânica/revolucionária é uma tarefa que nos foi atribuída pelas gerações passadas. Não há um messias enviado do céu: somos nós o Messias, cada geração possui uma parcela do poder messiânico e deve se esforçar para exercê-la” (LÖWY, 2005, p. 51).

Essa força messiânica, dada a nós, é apontada por Walter Benjamin como fraca, não no sentido de como nos é apresentada, ou como nos motiva no enfrentamento da opressão, mas pelo próprio olhar histórico que se faz sobre a luta de classes e as poucas vezes em que se conseguiu a redenção. Essa conclusão é tirada

das lutas do passado e do presente em que o combate em prol das classes oprimidas acabou em fracasso. No entanto, essa força messiânica, mesmo que fraca, apresenta-se a nós, não como garantia, mas como possibilidade do momento presente, para redimir as vítimas do passado e buscar emancipar os que sofrem opressão.

A compreensão do materialismo histórica e da história por Walter Benjamin

A análise apresentada por Walter Benjamin na tese II remete também aos sujeitos da história. Ela não é feita e marcada simplesmente pelos acontecimentos desconexos, sem importância ou descritos por meio de fatos sem alguma consciência ou reflexão. Aquilo que no passado nos interpela é o chamado por redenção da classe que sofreu opressão, clamando a classe oprimida do presente que a redima.

Nesse movimento da luta de classes é que se formula o conhecimento histórico. Benjamin a compreendeu dessa forma, por esse motivo, coloca na tese XII o sujeito da história como sendo aqueles que a dão consciência e lutam contra a exploração dos poderosos: “O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe oprimida, a classe combatente” (BENJAMIN, 1994, tese XII). A consciência, e também o próprio conhecimento histórico, é formulada pela prática da luta de classes e a sua experiência ativa. Não é algo dado de fora ou introduzido na classe, mas algo gerado por ela através da reflexão da sua luta.

Em seguida, Benjamin expõe como em Marx é apresentado o sujeito do conhecimento histórico: “Em Marx ela se apresenta como a última classe escravizada, a classe vingadora que, em nome de gerações de derrotados, leva a termo a obra de libertação” (1994, tese XII). Nesse trecho da tese XII, Benjamin recorre ao próprio Marx para afirmar a concepção do marxismo que olha a partir da classe do proletariado que é o sujeito da ação e, ao mesmo tempo, o sujeito do conhecimento. “A última classe que luta contra a opressão e que é encarregada, segundo Marx, da ‘obra de libertação’ – o proletariado – não pode realizar seu papel segundo Benjamin, se esquecer seus ancestrais martirizados: não há luta pelo futuro sem memória do passado” (LÖWY, 2005, p.109). Essa memória dos ancestrais vencidos é o conhecimento da classe operária que servem ao sujeito do presente que possui a missão de redimi-la. O sujeito do conhecimento histórico é, para Benjamin através de uma análise de Marx, a classe operária, tanto como conhecimento histórico das ações do passado como sujeito da ação do presente.

Na tese XIV, Benjamin retoma a questão da história e a sua compreensão marxista, porém, não volta a falar especificamente sobre o sujeito da história, mas sim o local onde esse sujeito realiza sua ação, ou seja, dentro da história. “Ela é o salto do tigre em direção ao passado. Só que ele ocorre numa arena em que a classe dominante comanda. O mesmo salto sob o céu livre da história é o salto dialético, que Marx compreendeu como sendo a revolução” (BENJAMIN, 1994, tese XIV).

No trecho acima citado Benjamin recorre a ideia de Marx da revolução do proletariado, porém, interpreta, diferente de Marx, que a força inspiradora para a revolução pode advir do passado. Para Marx

as revoluções proletárias, ao contrário das burguesas, podiam tirar sua poesia somente do futuro e não do passado. A profunda intuição de Benjamin sobre a presença explosiva de momentos emancipadores do passado na cultura revolucionária do presente era legítima. [...] A sublevação revolucionária deu um ‘salto de tigre em direção ao passado’, um salto dialético sob o livre céu da história, ao se apropriar de um momento explosivo do passado (LÖWY, 2005, p. 121).

Nesse intuito, Benjamin pensa a inspiração da luta de classe sob a ótica do passado. O fundamento da luta do tempo presente é o sofrimento, exploração e o combate contra o peso da tirania realizado pelas gerações passadas e sua luta por libertação, que refletem de forma clara no momento presente, e onde essa forma de opressão ainda não foi superada. É através da luta de classe do presente, que mantém os olhos fixos no passado que Benjamin entende que ocorre a realização da história. Na tese XVI busca fundamentar a partir do materialismo histórico a ação do presente, considerando esse momento aquele em que se possa realizar a revolução. Nesse sentido afirma: “O materialismo histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas para no tempo e se imobiliza” (BENJAMIN, 1994, tese XVI).

O tempo presente e a aceitação que o materialismo histórico deve fazer dele, segundo Benjamin, não pode ser simplesmente uma transição entre o que já foi vivido e o que ainda há de vir, uma mera passagem entre o passado e o futuro. O presente é o tempo em que há a possibilidade da revolução e também da redenção. Porém, para que exista a formação desse presente, ele deve ficar imóvel, parado no tempo para que ocorra assim a ação histórica. Para que haja a interrupção daquilo que se estava vivendo e se realize a interrupção revolucionária na história.

O historicismo versus o materialismo histórico

Sobre a história, Walter Benjamin coloca a forma de interpretação realizada pelo materialismo histórico como sendo a que possui capacidade de realizar a redenção do passado. Para tal feito, faz-se necessário uma diferenciação entre o materialismo histórico e o historicismo. Há, para Benjamin, uma grande diferença na forma de olhar para o passado através de uma interpretação entre estas duas correntes de pensamento.

Na tese VII, ao começar a olhar para o historicismo, Benjamin utiliza-se de uma frase de Flaubert onde fala da tristeza que os cidadãos de Cartago precisaram ter para ressuscitar a cidade. Dessa tristeza continua a apontar os motivos que a geraram:

A natureza dessa tristeza torna-se mais nítida quando se levanta a questão de saber com quem, afinal, propriamente o historiador do Historicismo se identifica afetivamente? A resposta é, inegavelmente: com o vencedor. Ora, os dominantes de turno são os herdeiros de todos os que, algum dia, venceram. A identificação afetiva com o vencedor ocorre, portanto, sempre, em proveito dos vencedores de turno. Isso diz o suficiente para o materialismo histórico. Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje por cima dos que, hoje, jazem por terra (BENJAMIN, 1994, tese VII).

A identificação pela corrente do historicismo recai sobre aqueles que trabalham sobre a ótica da história dos vencedores. Esse tipo de teórico é aquele que se identifica com uma história continua e progressista, em que todos os acontecimentos visam ao progresso. Sua opção é também pelos dominantes que seriam os responsáveis pelo processo triunfante. Porém, ocorre o esquecimento daqueles que foram dominados, oprimidos e explorados por eles. Michel Löwy, aponta que Benjamin coloca o historiador do historicismo como sendo aquele que

[...] compreende a história como sendo uma sucessão gloriosa dos altos feitos culturais, que vieram se juntar aos precedentes em uma cumulação de “precedentes culturais”. Ele celebra a cultura dos senhores do passado e do presente. Elogiando as classes dirigentes e lhe rendendo homenagens, ele as confere o estatuto de “herdeiras” da cultura passada. Em outros termos, ele participa – tal como estes personagens que levantam a coroa de loureiro acima da cabeça do vencedor (LÖWY, 2010, p. 21).

118

O historicismo não possui uma visão crítica dos fatos, se apega a questão de ordem do progresso e de uma ilusória evolução da civilização. Seus teóricos ficam presos aos fatos que se apresentam a eles, negam uma interpretação, análise ou investigação daqueles que não estão no poder, ou que não possuem o direito de narrar a sua história, pois são vítimas daqueles que narram o triunfo realizado por eles ou seus antepassados. Seu discurso sempre é o da vitória frente a um cortejo, são vencedores e se assumem como herdeiros que vão dar continuidade a caminhada histórica.

Por outro viés de análise, encontramos o materialismo histórico, que possui uma posição diferente: “[...] o materialismo histórico, na medida do possível, se afasta dessa transmissão. Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, tese VII). A posição benjaminiana coloca-se a favor daqueles que estão fora da narrativa do historicismo. O materialismo histórico olha à história daqueles que sofreram para manter os outros no poder, ou que foram derrotados e excluídos. Essa recusa encontra seu fundamento quando Benjamin, através do materialismo histórico, propõe ‘escovar a história a contrapelo’, para mostrar como foi e como mantem-se um sistema em que alguns tornam-se vitoriosos e outros jazem por terra. Caminhando na contramão dessa forma de

análise dos fatos, percebe-se, na crítica de Benjamin, principalmente nesse trecho da tese VII, não somente um significado histórico em que se vai contra a versão oficial dada pelo historicismo, mas principalmente um significado político. Para isso, não se deve esperar de forma inerte uma mudança, mas sim buscar-se-á lutar por ela. Não basta olhar a história de forma passiva, somente descrevendo os fatos e glorificando os vencedores como faz o historicismo. Deve-se entendê-la pela ótica do materialismo histórico, em que se analisa de forma crítica cada momento, e busca por esse movimento a libertação por meio da redenção. Seguindo esse viés, que é a opção de Benjamin, acaba-se por formular uma clara revolução contra os opressores.

É pintada novamente essa diferença entre o historicismo e o materialismo histórico na já citada tese XVI, onde Benjamin mostra através de uma metáfora como se estruturam esses dois modelos de análise histórica:

O historicismo apresenta a imagem “eterna” do passado, o materialismo histórico, faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz “era uma vez”. Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o *continuum* da história (BENJAMIN, 1994, tese XVI).

A meretriz é colocada como a imagem de uma história imutável, em que o historiador chega ao passado e lá se deleita no prostíbulo do historicismo. Dela se torna um mero cliente, onde se deleita e se diverte com o que é apresentado pelos vencedores, não se esforça para olhá-la de forma crítica. Dessa forma, observa o passado como algo estático, sem vida, apenas como uma narrativa a ser transmitida, sem que ocorra qualquer reação, apenas como um vislumbre de um passado dito vitorioso. Por outro lado, aquele que permanece senhor de suas forças, sem se deixar possuir pela prostituta de um passado imutável é o materialismo histórico, que possui uma força capaz de mostrar a continuidade e a relação entre o passado e o presente. Pois, entende o papel daqueles que foram impedidos de contribuir com a construção histórica, mas que seu exemplo de luta nos dá a força para fazer do presente uma ligação com o passado, não como algo dado e estagnado, mas sim como algo possível.

A imagem recriada do passado na tese XVI, pode ser melhor entendida quando olhamos para a tese V, pois nela Benjamin coloca como o passado se apresenta a nós no tempo presente.

A verdadeira imagem do passado passa célebre e furtiva. É somente como imagem que lampeja justamente no instante de sua recognoscibilidade, para nunca mais ser vista, que o passado tem de ser capturado. “A verdade não nos escapará” – essa frase de Gottfried Keller indica, na imagem que o Historicismo faz da história, exatamente o ponto em que ela é batida em brecha pelo

materialismo histórico. Pois é uma imagem irrestituível do passado que ameaça desaparecer como cada presente que não se reconhece (BENJAMIN, 1994, tese V).

O passado vem a nós como um lampejo, como algo rápido que é reconhecido no presente. Não é algo que trazemos simplesmente à memória, mas sim a própria formação do presente. O passado como origem, que como a vida já não existente, é revivida e se faz presente pelo processo de recognoscibilidade. É um processo que deve se fazer presente, trazer o passado não como algo que já passou, como faz o historicismo, mas como algo presente, ativo no momento histórico em que estamos vivendo, não como forma de revivê-lo, mas sim como uma imagem capturada e utilizada, uma figura presente e que nos reconhecemos nela. “Portanto, a relação que se desenvolve nessa cognoscibilidade do passado no presente não é puramente temporal, como imediatamente aparenta, mas também dialética, imagética, monadológica, em sua imobilização (LEITE, 2013, p. 99).

O passado se apresenta a nós, dessa forma, é importante pensar como vamos analisá-la. Nesse sentido, Benjamin busca mostrar a diferença do método utilizado pelas duas correntes de interpretação histórica. Pois, através da forma como se avalia o tempo e os fatos, é que podemos utilizar a história como elemento que dê forças para a redenção dos oprimidos do passado e a luta contra a opressão do presente.

O historicismo culmina legitimamente na história universal. Em seu método, a historiografia materialista se distancia dela talvez mais radicalmente que de qualquer outra. A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio. Ao contrário, historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não inclui apenas o movimento das ideias, mas também sua imobilização[...] (BENJAMIN, 1994, tese XVII).

A questão colocada na tese XVII pertence aos elementos qualitativos e quantitativos na forma de olhar o passado e escrever no presente a história universal. Conforme o historicismo vai armando uma história onde, cada vez mais, somam-se os elementos que visam aumentar os fatos, o materialismo histórico faz um movimento de pausa, olha e avalia teoricamente para o passado, buscando não o estudar de forma homogênea, mas avalia os seus momentos privilegiados. São estes, denominados por Benjamin, de mônadas, que seriam “momentos arrancados da continuidade histórica [...], ou seja, são concentrados da totalidade histórica” (LÖWY, 2005, p.131), que servem como forma privilegiada para parar e analisar o passado, obtendo assim uma chance de combater opressão.

Estes elementos presentes no método do materialismo histórico se caracterizam por uma rememoração que faz a ligação entre o passado e o presente.

Nesse contraste, é apresentado, por Benjamin, um elemento teológico que visa dar maior força a luta: “Nessa estrutura ele reconhece o signo de uma imobilização messiânica do acontecer, em outras palavras de uma chance revolucionária na luta a favor do passado oprimido” (BENJAMIN, 1994, tese XVII). O messianismo aqui apresentado caracteriza-se como uma interrupção da história, não mais simplesmente para avalia-la, ou retirar dela algum momento do passado que sirva de base para a luta contra a opressão, mas é a própria força que emana na luta do presente.

A partir da mônada, acontecimento de parada histórica, acontece a percepção de toda essa continuidade histórica marcada pela exploração e opressão dos mais fracos. Com essa percepção emana a energia do messianismo, que dá força para aqueles que vão contra essa continuidade histórica. A questão principal, apontada por Benjamin, é a própria imagem messiânica, porém diferente daquela apresentada pelo judaísmo. O messias não há de vir um dia, no final da história, mas é essa própria ruptura histórica marcada pela luta contra a acumulação do progresso do historicismo.

O tempo histórico como revolucionário

A ideia de revolução em um momento da história para Benjamin, assim como a sua concepção de messianismo, não é o fim dos tempos, mas a quebra da opressão por meio da revolução. Essa revolução se faz necessário dentro do próprio tempo presente, não se pretende criar uma nova era, ou escrever uma nova história, mas agir para fazer parar a continuidade de uma trajetória marcada por um tempo mecânico do progresso, onde a ideia do mecanicismo assume papel primordial na narrativa.

Na tese XV, é apontada a forma como se apresenta essa revolução, além de mostrar o exemplo de como o tempo histórico é essencial para essa mudança:

A consciência de fazer explodir o *continuun* da história é própria às classes revolucionárias no momento da ação. A Grande Revolução introduziu um novo calendário. O dia com o qual começa um novo calendário funciona como um acelerador histórico. No fundo, é o mesmo dia que retorna sempre sob a forma dos dias feriados, que são dias de reminiscência. Assim, os calendários não marcam o tempo do mesmo modo como que os relógios. Eles são monumentos de uma consciência histórica da qual não parece mais haver na Europa, há cem anos, o mínimo vestígio. A Revolução de julho registrou ainda um incidente em que essa consciência se manifestou. Terminando o primeiro dia de combate, verificou-se que em vários bairros de Paris, independente uns dos outros e na mesma hora, foram disparados tiros contra os relógios localizados nas torres. Uma testemunha ocular, que talvez deva à rima a sua intuição profética, escreveu:

“Qui le croirait! on dit qu’irrités contre l’heure

De nouveaux Josués, au pied de chaque tour

Tiraiient sur les cadrans pour arrêter le jour”³ (BENJAMIN, 1994, tese XV).

Ao longo da tese XV, é apontada a questão própria das classes revolucionárias, a capacidade de fazer explodir a revolução, e a partir de aí dar a continuidade da história, não mais por meio da opressão e da narrativa do historicismo. As classes revolucionárias não são somente os proletariados, mas todos aquelas que clamaram por redenção devido a opressão sofrida no passado. A partir do dia em que se começa o novo calendário, é colocado como aquele que pode unir tanto as vítimas do passado como as do presente, juntamente com a classe revolucionária, pois, “o primeiro dia integra todo o tempo anterior. Por quê? Talvez porque, nesse dia, se encontrem ‘condensados’ todos os momentos de revolta do passado, toda a riqueza da tradição dos oprimidos” (LÖWY, 2005, p. 124).

Os elementos que aparecem na tese XV destacam e diferenciam a relação do tempo vazio e homogêneo, do tempo histórico e heterogêneo. O Calendário representa a memória, a lembrança dos dias de feriados, que se apresentam a nós como a consciência do tempo histórico. São dias qualitativos, carregados de memórias e ao mesmo tempo de presente. São eles que mantêm viva a presença daqueles que clamaram por uma força redentora e emancipatória. Por outro lado, Benjamin utiliza a imagem do relógio, para caracterizar o tempo mecânico e quantitativo, que vale pelo seu número. Por esse motivo, traz o exemplo dos revoltosos que atiraram contra os relógios, que representam esse modelo de tempo, que marcam a ação dos opressores e representa a própria narrativa do historicismo. Busca-se então caracterizar e resgatar a consciência do tempo histórico, heterogêneo e carregada de sentido.

O ato dos revolucionários que atiraram nos relógios durante a revolução de julho de 1830 representa, aos olhos de Benjamin, essa consciência. Mas, nesse caso, não é o calendário que se confronta com o relógio: é o tempo da revolução que ataca o tempo mecânico do pêndulo. A revolução é a tentativa de interromper o tempo vazio, graças à interrupção do tempo qualitativo, messiânico – como Josué, segundo o antigo testamento, suspende o movimento do sol, para ganhar o tempo necessário à sua vitória (LÖWY, 2005, p. 126).

Fica claro a forma de consciência do tempo histórico defendida por Benjamin. Ela se caracteriza como um tempo qualitativo, marcado pelo fim da opressão através

³ Em francês no texto:

Quem poderia imaginar! Dizem que irritados contra a hora
Novos Josués, ao pé de cada torre
Atiraram nos relógios para parar o dia (LÖWY, 2005, p.123)

da luta revolucionário que ganha a sua força através da concepção do tempo messiânico. Porém, esse messianismo não pode ser entendido como algo pertencente a uma religião específica, como por exemplo ao judaísmo ou ao cristianismo, mas é uma força que no momento da mônada, em que se toma consciência da opressão sofrida, impulsiona a luta e leva a revolução no tempo histórico.

Na tese XVIIa⁴, Benjamin reconhece o tempo messiânico presente no combate da sociedade sem classes, sendo ela, a forma secularizada em que o messianismo se apresenta:

Marx secularizou a representação do tempo messiânico na representação da sociedade sem classes. [...] Uma vez definida a sociedade sem classes como tarefa infinita, o tempo homogêneo e vazio transformava-se, por assim dizer, em uma antessala, em que se podia esperar com mais ou menos serenidade a chegada de uma situação revolucionária. Na realidade, não há um só instante que não carregue consigo a sua chance revolucionária – ela precisa apenas ser definida como uma chance específica, ou seja, como chance de uma solução inteiramente nova em face de uma tarefa inteiramente nova. Para o pensador revolucionário, a chance revolucionária própria de cada instante histórico se confirma a partir da situação política. Mas ela se lhe confirma não menos pelo poder-chave desse instante sobre um compartimento inteiramente determinado, até então fechado, do passado. A entrada nesse compartimento coincide estritamente com a ação política; e é por essa entrada que a ação política, por mais aniquiladora que seja, pode ser reconhecida como messiânica. (A sociedade sem classes não é a meta final do progresso na história, mas, sim, sua interrupção, tantas vezes malograda, finalmente efetuada.) (BENJAMIN apud LÖWY, 2005, p. 134).

Apesar de Benjamin utilizar e considerar o messianismo, um termo teológico, de suma importância, ele não considera a secularização, por meio da sociedade sem classes, como algo desfavorável, pelo contrário, a coloca como uma situação legítima, e até mesmo necessária para a revolução. Dentro do ideal de Marx, da sociedade sem classes, abre-se as portas para uma ação política em que existe todo um fundamento já apresentado nas teses analisadas anteriormente, seja pela redenção dos oprimidos do passado, pela revolução dos oprimidos do presente, o instante de percepção da história pela mônada ou a forma de analisar a história pelo materialismo histórico. Todos esses elementos, segundo Walter Benjamin, devem possuir uma energia subversiva do messianismo. Ele parte da ideia de que cada

⁴ A tese XVIIa foi descoberta mais tarde pelo filósofo Giorgio Agambe. Walter Benjamin pretendia incluí-la na versão final das teses, pois foi produzido de forma autônoma. Essa tese não aparece em BENJAMIN, W., *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet, 7ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1). Recorri a tradução realizada na obra de Michael Löwy: LÖWY, Michael, *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de História"*, São Paulo: Boitempo, 2005.

momento histórico possui uma potência revolucionária, e que necessita ser realizada para assim efetuar-se, ou seja, ir contra a concepção do historicismo e do tempo mecânico, homogêneo e vazio, que considera a história como um progresso, e não visa mudança, mas apenas um andar gradual e acumulativa do tempo.

É no tempo histórico que há de ocorrer a revolução, segundo Benjamin, num momento único, aquele momento em que é arrancado do meio da continuidade história e se revela tudo o que há, a mônada. Na tese XVIII, Benjamin volta a caracterizá-la, mas agora relacionando-a fortemente com o tempo messiânico e colocando-a paralela com a história da humanidade frente toda a história universal:

Comparados com a história da vida orgânica na terra’, diz um biólogo contemporâneo, ‘os míseros 50 000 anos do *homo sapiens* representam algo como dois segundos ao fim de um dia de 24 horas. Por essa escala, toda a história da humanidade civilizada preencheria um quinto do último segundo da última hora.’ O ‘agora’, que como modelo do messiânico abrevia num resumo incomensurável a história de toda a humanidade, coincide rigorosamente com o lugar ocupado no universo pela história humana (BENJAMIN, 1994, tese XVIII).

Não é citada, na tese XVIII, de forma explícita a palavra mônada, mas o seu significado de abreviação histórica apresenta-se de forma clara. O agora, o tempo que há no exato momento, caracteriza-se como modelo messiânico, que abrevia toda a história da humanidade, fazendo com que possamos percebê-la como um todo. Esse breve instante, é capaz de salvar toda a humanidade, pelo fato de ser um modelo messiânico. Mas essa salvação não vem pelo viés religioso, mas sim pelo sentido da redenção, pois nele se resume toda uma tradição de opressão, que ao mesmo tempo caracteriza-se como uma história de luta e resistência.

Esse olhar sobre a resistência aparece junto com a opressão no momento da mônada. A questão principal elencada nas teses é sobre qual a forma central de opressão que Benjamin aborda. Percebe-se, que na análise, se sobressai a forma de estudar a história através das correntes do historicismo e do materialismo histórico, e pela luta entre os opressores e os oprimidos. Porém, o espírito messiânico que surge como uma força para lutar contra a opressão, pode ser caracterizada da melhor forma possível no tempo histórico em meio a uma revolução contra a sociedade de classes. Aquilo que na tese XVIIa é apresentado de forma clara, como sendo a secularização do tempo messiânico por Marx através da imagem da sociedade sem classes, perpassa todo o documento das teses ‘Sobre o conceito de história’. “Trata-se de uma referência política e histórica decisiva, que serve de objetivo para o combate dos oprimidos e de critério para julgar os sistemas de opressão do passado e do presente” (LÖWY, 2005, p.137). É no conceito de sociedade sem classes que o tempo histórico possui o seu ideal revolucionário, e contempla toda a sua carga messiânica, capaz de salvar toda a humanidade.

Considerações finais

Mediante o exposto ao longo deste artigo, percebe-se que o historicismo, para Benjamin, é a pura representação de um tempo histórico vazio, imóvel e homogêneo, pois acarreta simplesmente um olhar sobre o passado, e vislumbra um progresso que fundamenta a opressão sobre as pessoas mais pobres. Ou seja, podemos caracterizá-lo como uma corrente histórica que narra somente a versão dos vencedores e em nada abrange aqueles que foram explorados e vencidos. Por sua vez, o materialismo histórico possui uma relação diferente com o passado, pois é através da narrativa que denuncia a opressão sofrida que se baseia as ações da luta de classes do presente. Podendo assim, realizar a redenção das vítimas do passado através dessa luta e na busca de uma sociedade sem classes, caracterizando-se como uma sociedade sem opressão.

Walter Benjamin utiliza de Marx a ideia da sociedade sem classes, porém possui um olhar diferente dele. Em Marx ela aparece como uma força revolucionária secularizada, em Benjamin ela é caracterizada como messiânica, não pelo viés religioso, pois acredita que à secularização é algo legítimo e necessário, mas sim pela sua energia subversiva que encontrasse de forma oculta na sociedade, podendo ser capaz de dar o fundamento no momento histórico à revolução contra a opressão. Esse fundamento encontrasse presente no momento da mônada, onde toda a história é vislumbrada através de um momento em que se abrange a sua totalidade. Esse vislumbre faz com que se perceba a opressão sofrida no passado, e ela acaba por se tornar a força propulsora para a luta pela sociedade sem classes do presente e a busca de redenção das vítimas do passado.

125

Referências

- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In: Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CANTINHO, Maria João. *O messianismo ou a história como dissidência na obra de Walter Benjamin*. Prática da história [on-line], 2017, nº 05, p. 115 a 132. Disponível em: <www.praticasdahistoria.pt> Acessado em: 27 de abril de 2019.
- LEITE, Augusto Bruno de Carvalho dias; REIS, José Carlos. *A ideia de história em Walter Benjamin [manuscritos]: passado, a forma e a tradução*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2013.
- LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”*. Trad. W.N.C. Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LÖWY, Michel. “A Contrapelo”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin. *Lutas Sociais* [online], 2010, nº 25/26, p. 20 a 28. Disponível em:

O tempo histórico revolucionário presente nas teses “sobre o conceito de história” de Walter Benjamin

<<http://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/michael-lowy.pdf> > Acessado em: 27 de abril de 2019.

Submissão: 15. 02. 2020 / Aceite: 30. 08. 2020